



**Rodrigo Lima da Silva**

**A INFLUÊNCIA DO RAP E DO FUNK NA VIDA DE JOVENS DE  
PERIFERIA**

**Rio de Janeiro  
2021**

**Rodrigo Lima da Silva**

**A INFLUÊNCIA DO RAP E DO FUNK NA VIDA DE JOVENS DE  
PERIFERIA**

**Monografia apresentada à Escola  
Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio –  
Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como  
requisito parcial para aprovação no Curso Técnico  
em Biotecnologia.**

**Orientador(a):** Marco Antonio Carvalho  
Santos

**Rio de Janeiro**

**2021**

*Dedico este trabalho aos meus pais Benedita Ferreira Lima e Ediceu Marques da Silva que me deram uma ótima educação, e aos artistas Travis Scott e XXXTENTACION (in memoriam) que me incentivaram, me influenciaram, e fizeram eu não desistir da minha vida.*



*“O dinheiro tira um  
homem da miséria  
Mas não pode  
arrancar de dentro  
dele a favela”  
(Racionais Mc’s)*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a mim por não desistir deste trabalho apesar de todos os problemas que rodearam esse processo. Aos meus pais pela criação que me deram. Ao meu orientador Marco Antonio por tornar esse processo muito mais fácil, e por ser deveras paciente comigo. E agradeço a música em si por me influenciar a fazer esse trabalho.

## RESUMO

Este trabalho propõe uma aproximação entre os estilos musicais rap e funk como componentes formadores de jovens oriundos de periferia. Buscando compreender como esses estilos musicais interferem no âmbito social, profissional e emocional desses jovens. Após descrever como o funk e o rap se relacionam com o ambiente da favela, e como a cultura dos mesmos influencia a juventude. A experiência do autor com a música também é considerada como um elemento para compreender a relevância desses estilos musicais na vida da pessoa. O trabalho faz uma análise do baile funk como, observando como cada elemento do baile pode explicar a forma como os seus frequentadores performam suas ações. Finaliza ressaltando a importância de gêneros musicais na formação e conscientização da juventude das periferias.

Palavras-Chave: Juventude. Música. Funk. Rap.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>08</b>
<b>1. A INFLUÊNCIA DO AMBIENTE FAVELA</b>	<b>10</b>
<b>2. BAILE FUNK</b>	<b>14</b>
<b>3. A INFLUÊNCIA DA MÚSICA NA JUVENTUDE</b>	<b>17</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>20</b>
<b>5. REFERÊNCIAS</b>	<b>22</b>

## INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da humanidade se produz música, sendo ela um dos elementos mais importantes da cultura humana. A música pode ser usada em cerimônias, rituais, ou para simplesmente se divertir. Pelo fato da música ser algo tão importante em nossa cultura, ela vai ter grande influência em vários momentos de nossa vida. A palavra música tem origem na expressão grega *musiké techné*, e pode ser descrita como combinação harmoniosa e expressão de sons.

Durante nossa caminhada nesse aglomerado de alegrias, problemas, desafios e tristezas, na maioria das vezes a música faz parte desses momentos. Depois de um dia estressante no trabalho, quando sua mente está totalmente desgastada, ouvir uma música pode ser um “salva-vidas”, mexendo com suas emoções ela pode te levar de zero a cem em questão de segundos. Entretanto a música não é só sentimentos, ela também consegue englobar toda uma cultura em volta dela. A arte tem o poder de movimentar as pessoas de maneiras que nenhuma outra forma de expressão poderia (CARVALHO, Matheus, 2018, p.20).

Nesse estudo abordo a música tomando como referência os gêneros mais escutados da região onde moro, que é a favela. Os problemas da favela são bem evidentes, a falta de saneamento básico, falta de serviços públicos, e o problema que mais chama atenção, o tráfico de drogas. Na guerra entre facções que disputam o controle dos pontos de tráfico e que ocorre já há um bom tempo temos a população que é a que mais sofre nesse ambiente, e no meio disso tudo ainda tem os policiais que na maioria das vezes só pioram a situação. Tendo em vista esse cenário, surgem dois gêneros musicais muito importantes para a favela: o funk e o rap. Ambos abordam esses problemas sociais, mas também servem para levantar o astral do seu ouvinte, o que é muito importante tendo em vista a situação em que a favela se encontra. Ter algo para elevar o seu emocional e te levantar para viver mais um dia é de extrema importância. Ainda mais num ambiente como a favela, onde os jovens oriundos dela são mais prejudicados e impedidos de viver adequadamente, devido as condições em que se encontram. Assim como diz Juarez Dayrell:

Os jovens pobres se vêem, assim, privados da escola, do emprego, acompanhados da limitação de meios para a participação efetiva no mercado de consumo, da limitação das formas de lazer, da limitação dos direitos de vivenciar a própria juventude e, o que é mais sério, vêem-se privados da esperança. (DAYRELL, 2002).

Para compreender melhor como a música pode afetar alguém posso tomar como exemplo eu mesmo, Rodrigo Lima da Silva, morador do Complexo da Maré. Durante a pandemia de covid-

19 tive bastante problemas, com minha família, e comigo mesmo, acabei entrando em uma depressão, porém algo mudou quando comecei a focar na coisa que eu mais gosto de fazer, que é ouvir música. Ao ouvir música minha autoestima já mudava, eu me sentia mais alegre, e com uma vontade tremenda de viver. Só nesse cenário é evidente o quão importante a música pode ser. A música se mostra de tremenda importância nessa fase da vida chamada juventude, pois essa fase é uma das partes mais importantes da constituição de um sujeito (DAYRELL, Juarez, 2003).

Independente desses dois gêneros musicais citados anteriormente serem tão importantes para a favela e importantes para jovens como eu, eles ainda são vistos com maus olhos por serem um produto da pobreza. Esses gêneros são os mais tocados e mais produzidos na favela, portanto no momento em que começam a tocar em ambientes de classe média, a perseguição começa. No entanto mesmo com toda essa perseguição que o funk e o rap sofreram no início, hoje em dia nós vemos que nesses ambientes de classe média os gêneros que mais tocam são esses. Os que um dia criticaram, hoje em dia vão para ver o show do MC que saiu da favela para cantar em casas de show e boates na zona sul (PIMENTEL, Ary, 2017).

A monografia está baseada na abordagem qualitativa. Foi utilizado como estratégias de pesquisa a revisão da literatura por meio da busca nas bases de dados Google acadêmico e Scielo, tendo como referência os descritores juventude, música, funk, rap e favela.

A monografia está composta por 3 capítulos, sendo o primeiro referente a uma breve caracterização da localidade onde o rap e funk são predominantes, dando uma ênfase maior para como o rap descreve essa realidade. O segundo capítulo é referente à importância do baile funk como um espaço inclusivo e como uma ferramenta para entender o comportamento da juventude. O terceiro e último capítulo é sobre como a música influencia a juventude, seja no âmbito social, profissional e emocional.

## 1 – A INFLUÊNCIA DO AMBIENTE FAVELA

Quem cresce na favela sabe que não é um ambiente leve de se viver. No Brasil a favela é um mundo à parte, totalmente dominado pela violência. Assim como diz o relato de uma mãe no livro "Vida sob cerco" do Machado da Silva, podemos compreender o sentimento de quem mora na favela: "Eu quero justamente que o meu filho cresça, tenha um bom emprego, consiga ter uma vida diferente da que ele tem agora, consiga ter paz. Deitar na sua cama e levantar em paz - entre aspas, claro -, mas ter segurança, um pouco mais de segurança". (SILVA, 2008, p.66)

O sentimento de todo favelado é o sentimento de abandono, o abandono do sistema, do Estado, largando todos esses sujeitos para realmente sobreviverem no inferno. Para um melhor entendimento desse tamanho abandono que a favela sente, podemos observar esse fenômeno no trecho a seguir: "Uma sociedade injusta que empurra cada vez mais uma grande massa humana para viver em favelas e morros em condições miseráveis." (HERSCHMANN, 2000, p.87).

Essa grande massa humana tem um histórico de rejeição desde o início das favelas. A formação das favelas, na cidade do Rio de Janeiro, tem uma grande influência negra, já que depois da abolição da escravatura os libertos foram procurar um lugar para se estabelecer, e a maioria se aglomerou na Pedra do Sal, que seria conhecida mais tarde como "pequena África". Um lugar marcado pela sua forte presença com a música e festas populares na Primeira República, apesar disso tudo esse lugar era marcado como decadente e rotulado como "tristes redutos da miséria" (MATTOS, 2008, p.174). Soldados da Guerra de Canudos quando vieram morar no Morro da Providência começaram a chamar o local de "favela", e isso porque quando estavam acampados no sertão baiano durante a luta de Canudos, o morro onde estavam se chamava favela, portanto quando vieram para o Rio de Janeiro eles trouxeram esse nome com eles (MATTOS, 2008, p. 49). O "favelado" desde sempre foi tratado como algo indiferente ao governo, a favela desde o início é um refúgio para pessoas que já são excluídas da sociedade, tratados como ladrões, vagabundos e outros diversos termos pejorativos. No trecho a seguir é possível enxergar essa forma que a população da favela é tratada. "Como citamos anteriormente, os moradores desses locais eram vistos pela sociedade da época como, principalmente, vadios, vagabundos e criminosos"(NEUSTADT, 2013, p.128). Uma pesquisa feita pelo Instituto Locomotiva, em parceria com o Data Favela e a Central Única das Favelas (Cufa) diz o seguinte:

Cerca de 17,1 milhões de pessoas vivem nas favelas brasileiras. Um grupo que, se somado, seria responsável pelo quarto estado mais populoso do país, atrás apenas de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro e representa 8% da população nacional. Segundo a pesquisa, nelas, a população negra representa 67%, um patamar bem acima da média nacional, de 55% (SALLES, 2021).

O Rio de Janeiro é uma cidade onde há um grande número de favelas. Em diversos lugares diferentes da cidade podemos ver pelo menos uma favela, até mesmo perto dos lugares mais nobres da cidade tem uma favela por perto, o que pode causar uma certa discrepância. Para uma melhor análise desse número de favelas e sua população, segue o último censo sobre as favelas cariocas: “O Censo de 2010, IBGE, levantou 763 favelas na cidade, que abrigam 22% da população da cidade do Rio de Janeiro. O que faz da capital fluminense o município brasileiro com o maior número de moradores em favelas: 1.393.314 habitantes. A região metropolitana reúne 1.702.073 pessoas morando em favelas, o que corresponde a 14,4% da população da região.” Uma população tão grande que faz parte de uma das grandes capitais do Brasil, sofre tanto com a violência, falta de saneamento básico e uma educação decadente. As operações policiais acontecem numa frequência muito grande nas favelas do Rio, e isso acontece pelo fato do Estado orientar esses policiais a tratarem a população da favela de uma forma diferente do resto da cidade. Um policial irá agir de uma forma na zona sul, e irá agir de uma forma totalmente diferente nas favelas. Portanto quando a polícia for fazer alguma operação, ela vai tratar o morador com total desprezo, entrando nas casas sem autorização e agindo de forma violenta. Isso tudo resulta em operações policiais terminando de forma trágica e trazendo nenhum resultado positivo, somente aumentando a fronteira entre a favela e o resto da cidade. Assim como também diz Mariana Cavalcanti:

A polícia não constitui exceção: a cada uma de suas incursões, reforça e reafirma as fronteiras simbólicas do tráfico, ao cruzá-las como quem entra em zona de guerra – e os tiros que dão e recebem – acabam por constituir um dos mais eficazes marcadores de fronteiras, pois são inextricáveis de sua transgressão (CAVALCANTI, 2008, p. 45).

Uma pesquisa realizada pelo G1 no ano passado sobre as operações policiais nas favelas do Rio de Janeiro constatou que quase 800 pessoas foram mortas em favelas do RJ durante ações das forças de segurança. É possível traçar um paralelo com alguns episódios traumáticos sofridos pela população mais pobre do país. O massacre do Carandiru, que foi uma intervenção assassina da polícia militar contra 111 detentos, sendo que a maioria deles eram réus primários sem nenhuma chance de defesa. Apesar disso tudo o acontecido é conhecido pelo estado como rebelião e não como massacre. Posso citar também a chacina da Candelária onde quatro policiais militares

dispararam contra cerca de 50 crianças e adolescentes, que acabou gerando oito mortos e vários feridos. Um mês depois desse acontecimento mais de 30 policiais encapuzados mataram 21 pessoas na chacina de Vigário Geral, os policiais falaram que somente mataram envolvidos com o tráfico, porém nenhum dos sujeitos assassinados tinha ligação comprovada com o tráfico (OLIVEIRA, 2018, p.19). O Brasil tem um grande histórico de violência policial com a população mais pobre. Mesmo que os casos anteriores não sejam relacionados diretamente à população da favela, é possível perceber que esse descaso com a população mais pobre do país se reflete bastante na favela.

Só nesse cenário é possível entender o quanto essas pessoas são tratadas como descartáveis pelo Estado. Com um histórico tão grande de rejeição e violência uma hora ou outra uma resistência da favela contra o Estado iria acontecer, não dava mais para olhar para esses acontecimentos contra uma população de maioria negra e residente de favela sofrendo esse tipo de violência do Estado. Alguns responderam a essa opressão com violência armada, porém outros responderam com a arte, uma arte de protesto, o rap e o funk.

Do latim “influentia,ae” a palavra influência pode ser descrita como o poder exercido pelos astros sobre alguém. Uma pessoa pode ser influenciada por um objeto, um lugar ou uma situação. A favela influenciou o rap e o funk, músicas de protesto, a arte do “favelado”, que também pode servir para confraternizações. O ambiente muda as pessoas e também traz motivações para as mesmas. Foi sentida uma necessidade de responder à opressão que o governo impôs, ter uma resposta imediata. E foi dessa forma que a favela e a opressão que ela sofre influenciou um dos álbuns mais importantes da discografia brasileira, o "Sobrevivendo no inferno", lançado em 1997 pelos Racionais Mc 's. O grupo de rap utilizou de seus versos e sua música para protestar contra o perigo iminente que cada morador da favela vive, o perigo de virar uma estatística da violência.

Tô ouvindo alguém me chamar

Não, não, não, tô afim de parar

Mudar de vida, ir pra outro lugar

Um emprego decente, sei lá

Talvez eu volte a estudar

(RACIONAIS MC'S, 1997)

Os racionais encontraram uma maneira de dialogar com a população, e ao mesmo tempo conscientizar a mesma dos problemas ao seu redor.

Os MC's podem acabar sendo bastantes violentos em suas letras, e isso é algo que não pode ser encarado de maneira isolada, é necessário compreender o contexto em que essas pessoas estão inseridas.

Com isso, não pretendo afirmar que os funkeiros não sejam violentos, mas repensar de que forma suas falas e atitudes se diferenciam daquelas produzidas por outros jovens mais “integrados na estrutura social”, ao ponto de a opinião pública carioca inseri-los na galeria dos principais “inimigos públicos” da Cidade – tornando-os sinônimo da “delinquência juvenil” (HERSCHMANN, 2000, p.90).

A análise de Herschmann esclarece o porquê do comportamento violento dos funkeiros. A forma que nos comunicamos varia de acordo com cada lugar. A favela é um ambiente violento onde os seus habitantes se adaptam para sobreviver, o dialeto e a forma de falar vai ser diferente dependendo do lugar. A população da favela já sofreu bastante violência no decorrer da história, quando o MC resolve ser violento em suas letras por que ele deve ser julgado? Desde o principio ele sofreu essa violência sem poder responder, quando ele finalmente encontra uma forma de pôr as suas ideias, de ser ouvido, ele tem que responder de uma forma que chame a atenção.

## 2 - BAILE FUNK

A cultura do rap do funk é compartilhada por grande parte da juventude que mora em periferias, juventude essa que se reúne em eventos e festas. A parte do rap irá ficar um pouco de lado nesse assunto, mesmo com os seus ouvintes ainda frequentando esse evento. Esse evento que eu falo é o baile funk, frequentado pela cultura do funk. O lazer noturno da favela se torna muito importante para essa população excluída, um espaço social onde o favelado tem o seu espaço de troca privilegiado (HERSCHMANN, 2000, p.129). O baile funk pode ter características diferentes dependendo de onde ele está localizado.

Micael Herschmann faz uma descrição do baile do Leme, mais conhecido como “Baile do Chapéu Mangueira”. Um baile que tem uma presença considerável da população de classe média, ele descreve a forma que essas pessoas diferentes da população do morro chegavam na favela, que seus carros e motos eram do “último tipo”. A forma como Herschmann descreve a “segurança do local” também é bastante característica:

e a segurança, como de costume, eficiente: os “protetores locais” monitoravam tudo com seus “soldados” que, munidos de telefones celulares, detinham relativo controle sobre o fluxo no Morro. Podia-se observar que a presença destes rapazes visava essencialmente alertar a “organização local” para uma possível presença de agentes do aparato de segurança pública (HERSCHMANN, 2000, p.130).

É usado um eufemismo por parte de Herschmann para falar sobre os traficantes locais do baile, eles se organizam e ficam alertas para uma possível intervenção da polícia durante o evento.

Quando queremos entender como um certo grupo funciona temos que levar em consideração alguns fatores para uma melhor análise. “O corpo, as roupas, o discurso, os entretenimentos de lazer, as preferências de comida e bebida” (HERSCHMANN, 2000, p.62). Através da música os seus ouvintes são estimulados a vestir tal roupa, agir de tal forma, e se divertir como nunca na noite carioca, assim é o ambiente do baile funk. O epicentro da cultura tem o papel de incluir e excluir, o baile e seus mecanismos de laços sociais (HERSCHMANN, 2000, p.127). Micael Herschmann faz uma descrição do “Baile do Chapéu Mangueira”:

Quando cheguei ao baile, o evento ainda não tinha propriamente deslanchado e, como sempre nestas ocasiões, os DJs iniciavam tocando músicas de charme. A quadra estava praticamente ocupada só pelo pessoal do Morro. As meninas formavam as tradicionais

duplas e os rapazes, em grupos, faziam complicadas coreografias sincronizadas. Pelo tipo de jovens que eu via cada vez mais subir o Morro do Chapéu Mangueira, suspeitava que boa parte dos frequentadores não era de “locais” ou moradores de favelas. Naquela noite estiveram presentes cerca de 5 mil pessoas, sendo que 4 mil provavelmente eram do “asfalto”. Os “assíduos” informavam-me que o baile estaria naquele dia particularmente mais cheio porque a Furacão 2000, equipe mais respeitada da Cidade, iria dar o som. Realmente era impressionante: numa quadra aberta, ao ar livre, que deveria ter capacidade para 400 pessoas, havia pelo menos mil. Nos arredores desta quadra, subindo o Morro, a massa de pessoas cada vez mais ia se comprimindo. O som que saía da parede parecia particularmente baixo e não soube num primeiro momento distinguir se era um problema de acústica (a geografia do Morro favorece a dispersão do som) ou medida de segurança para evitar mais conflitos com a vizinhança de classe média. Assim, para sentir a emoção do baile, era necessário estar dentro da disputadíssima quadra poliesportiva onde ele acontecia. No meio da multidão, percebia que algumas fileiras se deslocavam para o centro e para a margem da quadra, na formação típica dos “trenzinhos”. Meninos e meninas de todos os estilos circulavam intensamente. A grande proximidade de corpos tornava o flerte quase inevitável. Chamava-me a atenção a presença indiscriminada de meninas de todos os tons de pele que trajavam shortinhos e saias curtíssimas (algumas jovens um pouco mais velhas vestiam calças jeans, de moletom ou lycra), acompanhados invariavelmente de um top no melhor estilo “baby look”. Os meninos dividiam-se entre o traje “funk clássico” – boné, bermudão e blusão – e algo mais Zona Sul: calça jeans ou moletom e camisa de malha, às vezes com as mangas rasgadas. Nos pés, quase sempre as marcas de tênis da moda, como Nike, Reebok e Mizuno (HERSCHMANN, 2000, p.131-133).

Já frequentei bailes funk no local onde moro, e posso dizer que é semelhante ao relato de Herschmann, porém claro que tem suas diferenças. Tomando como base as vezes que fui ao baile funk irei fazer a minha descrição do local:

O baile que eu frequentei era numa rua aberta, onde é colocado um palco no meio da rua, e um paredão de som ao lado. Ao entrar no baile a primeira coisa que se nota são as luzes com efeitos piscantes e o alto som das batidas de funk. Começando geralmente de noite umas 22:00 ou 23:00 horas podemos notar uma grande multidão de pessoas em sua maioria jovem. Algumas músicas tocadas no baile funk fazem apologia à facção que comanda o local onde o evento está sendo realizado. É impossível não notar as danças feitas pelos seus frequentadores, sejam danças em conjunto, ou danças individuais como por exemplo os “passinhos”. Por ser um evento que na maioria das vezes tem a organização do tráfico de drogas, obviamente você vai encontrar traficantes armados lá também, que

ostentam suas armas e suas grandes correntes de ouro. Quando se vive na favela cenas como essa são totalmente normais. O consumo de álcool está presente no baile, é algo comum basicamente em toda festa nos dias de hoje. Porém no baile há o consumo de diversos outros entorpecentes ilícitos fornecidos pelo tráfico. A moda é um elemento também muito presente nessa festa. Os frequentadores do baile se preocupam bastante com a forma que ele estará vestido neste local, estar bem vestido (bem "trajado"). Os homens geralmente utilizam roupas de marca como por exemplo Lacoste, Nike, Puma e diversas outras, acessórios como um simples cordão de ouro e um relógio. As mulheres com uma camisa curta ou um top, e um shortinho bem curto. O artista principal da noite geralmente só se apresenta às 4:00 ou 5:00 horas da madrugada. Enquanto a atração principal não apresenta o DJ local rege a música do ambiente. O baile funk dura até o amanhecer.

Sendo um dos elementos mais importantes da cultura do funk, o baile serve como um ponto de encontro para todos que fazem parte da cultura, esse encontro se mostra de tamanha importância por causar um efeito de identificação entre um jovem com seus iguais, seja ele parte do varejo das drogas ou um simples morador, causar essa identificação é bastante importante (PIMENTEL, 2017, p.74). É necessário enxergar o baile funk como algo que une pessoas.

Podemos dizer que o baile funk representa, antes de tudo, a celebração da amizade, o espaço por excelência para viverem dimensões constitutivas da condição juvenil: a explosão emocional da alegria, a identificação coletiva, o sentir-se em grupo (DAYRELL, 2002, p.132).

O principal papel do baile é despertar um sentimento nos seus frequentadores de fazer parte de algo muito maior. O baile faz com que o indivíduo deixe de ser um "eu" sozinho, para ser tornar um "nós" em conjunto. (PIMENTEL, 2017, p.75)

### 3 – A INFLUÊNCIA DA MÚSICA NA JUVENTUDE

A adolescência é uma das fases mais importantes da vida, pois é nela que estamos nos formando como pessoas, e é nela que temos que tomar grandes decisões. Porém quando se nasce na favela as suas decisões pesam muito mais do que em qualquer outro lugar do Brasil. Ser adolescente na favela é uma experiência totalmente diferente do que viver em lugares mais favorecidos economicamente. Depois de ter estudado em escolas onde a educação é decadente e ter convivido num ambiente onde seu primeiro brinquedo pode ser uma arma, as suas escolhas podem fazer a sua vida tomar um rumo muito violento. Machado da Silva expressa esse perigo que cada jovem de periferia tem de seguir esse caminho criminoso:

Mesmo sabendo-se que a grande maioria não integra quadrilhas, os jovens favelados têm sido percebidos e tratados como em permanente risco de a elas aderir. Neste ponto, é interessante observar a porosidade da representação dominante: ela é capaz de incorporar, absorvendo --e distorcendo o que muitas vezes é uma crítica.; \_as constantes referências à sedução por bens de consumos inacessíveis a este segmento populacional e ao fascínio pelas armas, elemento da construção de uma masculinidade “guerreira” (SILVA, 2008, p. 50).

Por falta de oportunidade, por necessidade de ter alguma renda para ajudar em casa, e até mesmo pela vontade de demonstrar essa masculinidade “guerreira”, jovens terminam com uma arma na mão. Um elemento como a música pode mudar a vida de um jovem nessa situação para melhor. Escutar música, produzir, escrever versos, tocar um instrumento, pode acabar virando uma forma de escapar da realidade, uma fonte monetária, um motivador, uma alternativa para contrariar a estatística. Artistas como por exemplo os Racionais MC’s debatem constantemente sobre a pessoa que escolhe viver a vida do crime, podemos observar isso na faixa 10 do álbum “Sobrevivendo no inferno” intitulada “Mágico de Oz”:

Se vê, se imagina na vida do crime  
 Dizem que quem quer segue o caminho certo  
 Ele se espelha em quem 'tá mais perto

Pelo reflexo do vidro ele vê  
Seu sonho no chão se retorcer  
(RACIONAIS MC'S, 1997)

O rap e o funk se tornam alternativas fáceis de se reproduzir, já que não precisa de uma formação musical superior sobre os fundamentos da música. Dayrell também fala sobre isso: “Para os jovens da periferia que, geralmente, não têm acesso a uma formação musical, o rap e o funk são dos poucos estilos que lhes permitem realizar-se como produtores musicais e artistas.” (DAYRELL, 2002, p.126)

Nessa fase da vida chamada adolescência, os sentimentos se apresentam de uma maneira muito confusa, tudo é muito intenso. Além disso ainda tem a pressão de ter que fazer as escolhas cruciais da vida. Tudo isso pode acabar deixando essa pessoa se sentindo perdida, com uma saúde mental danificada. E a música pode ter um papel restaurador muito forte nesse cenário. Pela música podemos dar significado a própria vida, assim como também pontua Vilmar Oliveira: “Este ponto é muito interessante para se pensar na influência da música na construção de identidades, já que para além de significar o mundo, a música pode ajudar o sujeito a significar a si mesmo.” (OLIVEIRA, 2013)

A música teve um papel muito importante na minha vida. Ainda estou na minha juventude pois tenho 19 anos, e nela tive e ainda tenho alguns problemas sérios com a minha saúde mental. Já estive em momentos piores, quando por exemplo em meados de 2020 onde a pandemia estava no seu auge, eu me via sozinho e “travando uma guerra” com minha própria mente, o que acabou resultando numa depressão. Eu estava perdendo o interesse em fazer coisas que eu tinha interesse. Em um certo dia resolvi fazer uma das poucas coisas que eu ainda tinha prazer em fazer, que era ouvir música. Escolhi escutar um disco de “trap” (subgênero do rap) intitulado “Astroworld” do artista Travis Scott, é um disco que eu já ouvi diversas vezes, porém nessa vez foi diferente, a melodia das músicas realmente me levaram para outro lugar, antes estava me sentindo insuficiente e desanimado, durante a experiência musical me senti eufórico, feliz e com uma tremenda vontade de viver, a música salvou minha vida. No livro Anatomia da melancolia de Robert Burton tem um relato bem semelhante ao meu. No relato de John Stuart Mill, ele conta que em sua juventude ele caía em estado de melancolia e a música era a única coisa capaz de penetrar nesse estado e dar-lhe, ao menos temporariamente, uma sensação de prazer e de estar vivo.

Artistas como XXXTENTACION e o próprio Travis que acabei de citar, me influenciaram a produzir música. Faço instrumentais de trap, e penso em produzir minhas próprias músicas. A música tem um grande papel em minha vida.

A experiência musical pode ser muito diferente de um gênero para outro, e componentes da música como por exemplo a letra pode ser o elemento de maior destaque na obra. O rap é um grande exemplo disso, o conteúdo lírico é o principal do rap, enquanto o instrumental é um ritmo que deve ser acompanhado pela letra. Os Racionais MC's conversam com o seu público-alvo que geralmente é a favela, e o auxilia a não cometer erros que podem custar a própria vida, além de dar conselhos emocionais. Na música "Jesus chorou" Mano Brown expõe seu estado emocional:

"Chuva cai lá fora e aumenta o ritmo  
Sozinho eu sou agora o meu inimigo íntimo  
Lembranças más vem, pensamentos bons vai  
Me ajude, sozinho penso merda pra carai." (RACIONAIS MC'S, 2002)

Quando Mano Brown expõe esse sentimento de estar sozinho com pensamentos negativos abre um espaço para o ouvinte se ver nas letras e reconhecer que não é só ele que está passando por aquilo, logo o indivíduo não se vê mais sozinho.

As expressões culturais do rap e do funk tem um papel muito importante na inclusão da juventude em nossa sociedade. Se expressando através de danças, roupas e produções musicais esses jovens se inserem no mundo e formam sua própria identidade. Micael Herschmann fala mais sobre essa inserção de jovens:

"A partir do funk e do hip-hop esses jovens elaboram valores, sentidos, identidades e afirmam localismos, ao mesmo tempo em que se integram em um mundo cada vez mais globalizado." (HERSCHMANN, 2000, p.212)

Se expressar através da arte abre oportunidades únicas para conhecer outras pessoas, se conectar com o resto do mundo. O calor humano das relações entre iguais em uma mesma cultura, se torna muito necessário para termos uma melhor convivência. As expressões culturais são uma grande ferramenta para essa comunicação entre a juventude, assim como Dayrell também explica:

É possível constatar esse fenômeno nas ruas, nas escolas ou nos espaços de agregação juvenil, onde os jovens se reúnem em torno de diferentes expressões culturais, como a música, a dança, o teatro, entre outras, e tornam visíveis, através do corpo, das roupas e

de comportamentos próprios, as diferentes formas de se expressar e de se colocar diante do mundo. (DAYRELL, 2002, p.119).

Alguns jovens se sentem descolados da sociedade, e a partir dessas formas de expressão a juventude se vê ligada com o mundo, e percebe que a atenção do mundo está voltada a ela.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir deste trabalho podemos ter as seguintes conclusões: A favela e seu ambiente é um dos elementos mais importantes para compreender a forma que seus moradores abraçaram os gêneros musicais rap e funk. As injustiças sofridas pela população “favelada” podem ser vistas como um grande influenciador de uma revolta coletiva. Pela necessidade desses indivíduos serem ouvidos pelo Estado e o resto do país, eles recorrem a arte. A fim de se manifestar para o Estado que os oprime e conversar com os seus iguais, os gêneros em questão servem como uma grande ferramenta de manifestação. Falta de saneamento básico, violência armada e tráfico de drogas envolto de uma grande massa de pessoas abandonadas pelo Estado. É importante reforçar que esses problemas estão presentes no passado e no presente da favela, eu como morador ainda posso identificar todos esses problemas. O funk e principalmente o rap evidenciam esses problemas a partir de suas letras que podem soar agressivas para ouvidos menos preparados.

O primeiro capítulo buscou especificamente evidenciar os problemas e injustiças que a favela sofre mostrando alguns acontecimentos e dados históricos, tudo isso com o objetivo de mostrar a influência direta do ambiente no rap e funk. Os Racionais MC's é um grande exemplo dessa influência do ambiente da favela. Podemos pegar para analisar o álbum “Sobrevivendo no inferno” lançado em 1997, e hoje em 2022 ainda ver certas semelhanças com o que é falado nas músicas, sobre a violência, o descaso do governo e a pobreza que os indivíduos residentes da favela sofrem.

O segundo capítulo teve como principal objetivo mostrar o baile funk como um evento que se relaciona com os seus frequentadores, e as pessoas que têm a cultura como um estilo de vida. O baile funk é utilizado neste capítulo com um propósito de compreender a forma como essas pessoas agem, se comunicam e formam a cultura. O ambiente do baile é um grande destaque deste capítulo,

e uma comparação entre a descrição do baile funk de Micael Herschmann e a minha descrição é utilizada para um maior entendimento de suas características e variações.

O terceiro e último capítulo buscou compreender a forma como esses gêneros musicais se relacionam com a juventude. A adolescência e suas indecisões foi um tema que regeu esse capítulo como um todo. As letras dos Racionais MC's foi um grande acompanhante para descrever de uma forma muito clara o perigo do jovem de favela se juntar ao crime. É importante reforçar também que os jovens de favela da atualidade ainda são bastante suscetíveis a entrar para o crime, o que mostra mais uma vez que essas letras dos Racionais ainda descrevem a realidade de hoje.

O rap e o funk trouxeram essa capacidade da juventude ser capaz de produzir a sua própria música, e isso se dá pelo fato de ser gêneros muito mais acessíveis e fáceis de se reproduzir. Essa inserção de jovens na produção da música pode se tornar um grande apoio econômico para os mesmos.

O tema saúde mental e como a música se relaciona com ela foi um elemento muito importante no terceiro capítulo. Para compreender melhor essa relação foi utilizado o meu relato sobre como a música me restaurou como pessoa. É importante observar a maneira como cada indivíduo se relaciona com a música.

As expressões culturais do rap e do funk foram apresentadas neste trabalho como formadoras de identidade e uma ferramenta de inserção da juventude na sociedade. A juventude de periferia tem uma maior dificuldade de se inserir no resto da sociedade. Porém através da cultura do rap e do funk eles se inserem de uma forma muito mais fácil nesse mundo globalizado.

Podemos concluir que os estilos musicais rap e funk são elementos muito mais profundos do que a sociedade pensa. A forma como a música impacta na juventude e faz a mesma se movimentar de diversas formas, evidencia que ela é um elemento muito importante e formador de sujeitos. O jovem perdido e deprimido de ontem se transforma no confiante e feliz artista de hoje. Nasce um artista.



## REFERÊNCIAS

DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude, **Educação e Pesquisa**, v. 28, n. 1, p. 117–136, 2002.

DAYRELL, Juarez. **A música entra em cena o rap e o funk na socialização da juventude**, [s.l.]: Belo Horizonte Editora Ufmg, 2005.

PIMENTEL, Ary. Música, juventude e território: a construção da identidade coletiva em uma favela do Rio de Janeiro, disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/14938>>, acesso em: 31 Jul. 2021.

SILVA, Luiz Antonio Machado da (Org.). **Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

CARVALHO, Matheus. Saúde Mental, Criatividade e Música: uma narrativa sobre o Maluco Voador, p. 20–24, 2018.

OLIVEIRA, Vilmar. A influência do gosto musical no processo de construção da identidade na juventude., 2013.

NEUSTADT, Mônica Nunes. A Favela como lugar: A representação da comunidade no curta: Acende a luz, **Revista\_Mídia\_e\_Cotidiano**, v. 2, n. 2, p. 226, 2013.

HERSCHMANN, MICAEL. **O funk e o hip-hop invadem a cena**. Rio De Janeiro, Rj: Ufrj, 2005.

CAVALCANTI, Mariana. Tiroteios, legibilidade e espaço urbano: Notas etnográficas de uma favela carioca. **Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 1, n. 1, p. 35–59, 2020. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/7134/5715#>>. Acesso em: 20 Mar. 2022.

RACIONAIS MC'S. **Sobrevivendo no inferno**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2018.

**Revista Educação Pública - A música no contexto da Psicopedagogia e a utilização de instrumentos musicais como ferramentas de aprendizagem**. Cecierj.edu.br. Disponível em: <[\*\*Favelas do RJ têm quase 800 mortos em ações policiais desde que STF mandou restringir operações\*\*. G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/04/05/favelas-do-rj-tem-quase-800-mortos-em-aco-es-policiais-desde-que-stf-mandou-restringir-operacoes.ghtml>>. Acesso em: 22 Mar. 2022.](https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/10/a-musica-no-contexto-da-psicopedagogia-e-a-utilizacao-de-instrumentos-musicais-como-ferramentas-de-aprendizagem#:~:text=25)%20conceitua%20m%C3%BAAsica%20como%20%E2%80%9Ccombi na%C3%A7%C3%A3o,%20a%20civiliza%C3%A7%C3%A3o%20etc.%E2%80%9D.>. Acesso em: 22 Mar. 2022.</p>
</div>
<div data-bbox=)

**Favelas cariocas — Observatório Legislativo da Intervenção Federal na Segurança Pública do Rio de Janeiro**. Camara.leg.br. Disponível em: <<http://olerj.camara.leg.br/retratos-da-intervencao/favelas-cariocas>>. Acesso em: 22 Mar. 2022.

SALLES, Stéfano. **Cerca de 8% da população brasileira mora em favelas, diz Instituto Locomotiva**. Cnnbrasil.com.br. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/cerca-de-8-da-populacao-brasileira-mora-em-favelas-diz-instituto-locomotiva/>>. Acesso em: 22 Mar. 2022.

SACKS, Oliver. **Alucinações musicais: relatos sobre a música e o cérebro**, São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BURTON, Robert. *The anatomy of melancholy*. Nova York, NYRB Classics, 2001

RACIONAIS MC'S. **Tô ouvindo alguém me chamar**, 1997.

RACIONAIS MC'S. **Mágico de Oz**, 1997.

